



V. ABORDAGENS INDIVIDUAIS DO PCI (tipologia IV)

1. CONCEITO GERAL

Os Bens do Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) representam um **enorme potencial de conhecimento, de interpretação e de experiência com os territórios e as comunidades de que são pertença** e, nesse sentido, configuram oportunidades de grande valor no quadro da visita de natureza turística, sobretudo quando assumida numa interação equilibrada e sustentável entre as comunidades de acolhimento e os seus visitantes.

As inúmeras manifestações de PCI que se distribuem pelo território dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, conferindo-lhes uma riqueza e diversidade inquestionáveis, podem ser contactadas, com maior ou menor intensidade e profundidade, pelos turistas e visitantes que escolhem estes destinos com interesse pela sua cultura. No entanto, é desejável que estes contactos se estabeleçam de modo a permitir preservar os elementos primordiais que caracterizam tais manifestações culturais e imateriais e, além disso, garantir a sustentabilidade futura das suas comunidades, enquanto detentores e protagonistas das “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões” que fazem parte do seu património cultural.

O conceito de produto ou experiência turística que está subjacente a estas abordagens individuais do PCI pressupõe, assim, **um conjunto de condições em que é estabelecida a interação entre os turistas e os detentores de PCI e as suas comunidades, com capacidade de garantir benefícios para ambas as partes e a continuidade futura da própria interação**. Neste sentido, torna-se fundamental que as expectativas e as motivações que estão subjacentes, de parte a parte, nesta relação sejam preenchidas e contribuam para um conhecimento e um respeito mútuo.

Da parte do turista, este conceito de produto ou experiência turística, procura **dar respostas de intensidades diferentes e que contribuam para algum ou alguns destes fins**: i) aumentar o conhecimento e a compreensão das culturas e dos modos de vida das comunidades do destino; ii) facultar experiências culturais e artísticas autênticas; iii) permitir a participação em manifestações de criatividade, de sociabilidade e de convivialidade no seio das comunidades de destino; iv) viver experiências que aproximem de um sentido de pertença local; v) refletir elementos dos seus modos de vida próprios junto de outras comunidades; v) associar modos de vida saudáveis às dimensões culturais das comunidades e dos territórios de destino; vi) aprender “coisas” novas; vii) estabelecer percursos de aprendizagens, em competências individuais de tipo diverso, incluindo o desenvolvimento das próprias carreiras profissionais.

Da parte dos detentores e das comunidades, este conceito de produto ou experiência turística, procura **preservar dimensões essenciais do PCI e contribuir para a sua sustentabilidade**, ao nível de: i) precaver a adulteração e a mercantilização das manifestações culturais específicas; ii) evitar a transferência das manifestações para contextos que são totalmente exteriores às suas comunidades; iii) precaver a predominância de estruturas e de atividades que interpretam o PCI de forma desligada dos seus detentores, contextos próprios e comunidades; iv) assegurar uma interação direta dos seus detentores com os turistas, mesmo quando exigem mediadores, os quais devem assumir uma atitude deferente perante tais detentores; v) contribuir para o enriquecimento social e cultural das comunidades de acolhimento e dos detentores do PCI; vi) assegurar que a geração de receitas e de mais-valias se repercute também para os detentores e as suas comunidades, garantindo oportunidades dessa partilha; vii) garantir a continuidade das manifestações do PCI dentro dos contextos evolutivos das próprias comunidades.

Os produtos ou experiências turísticas que fazem parte desta tipologia **concentram-se num único PCI, numa interação que pode ser: mais ou menos prolongada no tempo, mais ou menos individualizada, mais ou menos participada, mais ou menos imersiva, mais ou menos vinculativa a uma comunidade local**.

As abordagens individuais ao PCI devem aglutinar um conjunto de produtos e experiências turísticas, de natureza diversa, que podem ser promovidas e geridas por diferentes atores ou agentes, de natureza diferente, disponíveis para os turistas através do Catálogo. O conjunto de produtos ou experiências turísticas disponíveis deverá evoluir no tempo e distribuir-se nos territórios de destino em função da localização dos detentores do PCI respetivo.

2. ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM DOS PRODUTOS

Os produtos turísticos que se englobam dentro desta tipologia, que integra o Catálogo de experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo **têm em comum o facto de se concentrarem numa única expressão ou manifestação imaterial da cultura destes destinos, podendo no entanto assumir formatos de**



organização bastante diferenciados, decorrendo da opção e das estratégias específicas dos seus promotores diretos e da forma como pretendem envolver os detentores e protagonistas dos bens culturais em causa.

Consideram-se, neste caso, as seguintes **dimensões determinantes para a configuração das experiências** que vão ser oferecidas dentro destas abordagens individuais ao PCI:

- ❖ **A intensidade e nível da experiência para o turista,**
- ❖ **A forma de inserção do turista no contexto de destino, incluindo das comunidades locais,**
- ❖ **O papel assumido pelos detentores e protagonistas na interação com os turistas.**

Por sua vez, a **montagem dos produtos turísticos**, no caso das abordagens individuais, tendem a ser preferencialmente promovidas por empresas locais de animação turística ou que intervêm no mercado turístico, bem como outras entidades que assumem o desenvolvimento de atividades direcionadas para o mercado turístico, em especial, nos segmentos do turismo cultural e do turismo social, como são entidades do terceiro setor e os próprios detentores e protagonistas dos bens.

3. CULTURA AVIEIRA - ARTES E SABERES DE CONSTRUÇÃO E USO DA BATEIRA

3.1. ELEMENTOS BÁSICOS DE CARACTERIZAÇÃO DO PCI

A “Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira Avieira no rio Tejo” trata-se de uma manifestação inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial desde 2016.

As artes e os saberes de construção e uso da bateira avieira constituem um conjunto de técnicas e conhecimentos de base tradicional, característico, predominante, mas não exclusivamente, das comunidades de pescadores das zonas ribeirinhas do Tejo. Estas comunidades identificam-se coletivamente como “avieiros”, categoria evocativa da sua condição de descendentes de migrantes originários da praia de Vieira de Leiria.

Na bacia do Tejo persistem 4 comunidades: Porto da Balha (Azambuja); Palhota (Cartaxo); Escaroupim (Salvaterra de Magos); Caneiras (Santarém). Nestas podemos encontrar diversos elementos patrimoniais que suportam as atividades marítimas e piscatórias que mobilizam estas artes e saberes, incluindo cais, casas palafitas, barcos avieiros. No caso de Escaroupim existe também o Museu “Escaroupim e o Rio” dedicado aos Avieiros.

Esta manifestação não é exclusiva do rio Tejo, pois estas comunidades migrantes, provenientes predominantemente da praia de Vieira de Leiria, estenderam-se pelo rio Sado e pelo Litoral Alentejano. Encontramos hoje, na bacia do Sado, a comunidade de Carrasqueira (Comporta, Alcácer do Sal), e na Lagoa de Santo André uma comunidade piscatória dispersa.

Neste Catálogo pretende-se explorar o conceito de Cultura Avieira, alargando as experiências a outros aspetos das vivências destas comunidades migrantes como a casa avieira, as artes da pesca e a gastronomia típica proveniente das águas do Tejo e Sado, mas também os saberes ecológicos que contemplam a relação com os ecossistemas terrestre e aquático.

Considerando ainda que, neste momento, muitas destas aldeias avieiras evidenciam níveis de degradação e, por vezes, até de uma certa descaracterização relativamente elevados, equaciona-se ainda a possibilidade de algumas destas experiências turísticas contemplarem uma dimensão de turismo voluntário, através do envolvimento e participação, devidamente orientada e enquadrada, destes visitantes em ações de restauro e de interpretação destas tipologias construtivas tradicionais.

3.2. EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS

As experiências turísticas baseadas nas Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira devem mobilizar os seus detentores e protagonistas, bem como, outras entidades que se apresentem como mediadores destas manifestações culturais imateriais, favorecendo, deste modo, uma interação significativa do turista e benefícios dessa interação para os próprios detentores.



Considerando as múltiplas dimensões associadas a este PCI e os diversos contextos territoriais em que estas manifestações perduram, torna-se viável oferecer um campo diversificado de experiências turísticas, conforme enunciado no quadro seguinte:

Artes e saberes de construção da Bateira avieira	Pescadores de Escaroupim, Porto da Balha, Palhota ou Caneiras (Lezíria do Alentejo); ou da Carrasqueira (Alcácer do Sal)	Apreender o saber-fazer da construção da Bateira avieira diretamente durante os processos de reparação e de manutenção das respetivas embarcações Interação direta com os detentores Lidar com as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho e em espaços específicos de estaleiro Interação com as comunidades piscatórias Compreender as diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas e a interação com mediadores
	Associação de Amigos das Caneiras, Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Rancho Folclórico “Os Avieiros do Escaroupim”, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira, Museu “Escaroupim e o Rio”, gerido pelo Município de Salvaterra de Magos	
Artes e saberes do uso da Bateira avieira	Pescadores de Escaroupim, Porto da Balha, Palhota ou Caneiras (Lezíria do Alentejo) Pescadores da Carrasqueira (Alcácer do Sal)	Experienciar as atividades de pesca da lampreia ou do sável acompanhadas por pescadores locais nas suas próprias bateiras Apreender a arte do uso da bateira avieira e a arte de pesca avieira (no rio Tejo ou no rio Sado) Experienciar pernoitar uma noite (no rio Tejo ou no rio Sado) numa embarcação tradicional do tipo bateira avieira Interação direta com os seus detentores Lidar com as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho e em espaços específicos de estaleiro Apreender e experienciar a gastronomia associada à pesca das comunidades de avieiros Interação com as comunidades piscatórias Compreender as diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas e a interação com mediadores
	Associação de Amigos das Caneiras, Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Rancho Folclórico “Os Avieiros do Escaroupim”, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira, Museu “Escaroupim e o Rio” (Município de Salvaterra de Magos)	



Cultura e vivência das comunidades avieiras

Comunidades avieiras de Escaroupim, Porto da Balha, Palhota ou Caneiras (Lezíria do Alentejo)
Pescadores da Carrasqueira (Alcácer do Sal)
Associação de Amigos das Caneiras, Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Rancho Folclórico “Os Avieiros do Escaroupim”, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira

Viver um período curto (alguns dias ou semanas) no seio de uma comunidade avieira e participar nas suas atividades quotidianas de trabalho e de convívio e sociabilidade, particularmente associadas ao uso da bateira avieira

Ficar alojado numa casa avieira (se disponível)
Compreender as especificidades dos cais e casas palafitas, que caracterizam as aldeias avieiras, em termos arquitetónicos, eventualmente participando em ações de restauro e valorização destas tipologias construtivas tradicionais (a promover, no contexto de atividades de turismo voluntário)

Experienciar as atividades de pesca acompanhadas por pescadores locais nas suas próprias bateiras

Apreender a arte do uso da bateira avieira e a arte de pesca avieira (no rio Tejo ou no rio Sado)

Lidar com as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho e em espaços específicos de estaleiro

Apreender e experienciar a gastronomia associada à pesca das comunidades de avieiros

Interação quotidiana com as comunidades piscatórias

Interação com as comunidades em contexto de espaços coletivos de convívio e de sociabilidade

Participação em atividades de natureza simbólica, artística ou festiva, incluindo com rancho folclórico

Compreender a forma como, historicamente, vários autores ligados à corrente estética e política do Neorrealismo abordaram, do ponto de vista da escrita e/ou do desenho, a dureza que marcava o quotidiano das comunidades de avieiros



Ecossistemas naturais de inserção da cultura avieira

Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira

Museu “Escaroupim e o Rio” (Município de Salvaterra de Magos)

Compreender e interpretar os ecossistemas naturais que acolhem as comunidades avieiras no vale do Tejo ou no vale do Sado

Compreender os modos de vida e as expressões culturais destas comunidades e a sua relação com os ecossistemas naturais de acolhimento

Participação em atividades ligadas à preservação e salvaguarda destes ecossistemas naturais

Interação com as comunidades avieiras

Compreender os modos de vida e as expressões culturais destas comunidades e a sua relação com os ecossistemas naturais de acolhimento

Interação com mediadores

3.3. ORGANIZAÇÃO DE PRODUTO

O tipo de experiência turística que se inscreve nesta tipologia exige uma **organização bastante mais complexa** e que envolva necessariamente os detentores e protagonistas do respetivo PCI. Para além de questões de transporte, alojamento e de refeições, este tipo de produto turístico com um nível de imersão bastante profundo, procura oferecer oportunidades de interação do turista com as comunidades de acolhimento, de experiência ou aprendizagem de saberes-fazer, de desenvolvimento de *soft skills* que não se encontram apenas diretamente relacionadas com esses saberes-fazer e com as manifestações culturais em causa, mas também com as vivências quotidianas e todo o contexto cultural e ambiental / territorial em que estas se inscrevem.

A **iniciativa da organização do produto turístico pode partir de organizações do terceiro setor que representam os protagonistas, dos próprios protagonistas ou de empresas de animação turística que operam e conhecem bem estas comunidades e estes territórios ou possuem competências para lidar com os mesmos**. De qualquer modo, a organização do produto, mesmo que parta da iniciativa destes últimos, deve contemplar sempre o envolvimento dos detentores ou de entidades que os representam diretamente, onde eles participam ou detêm um papel significativo. Os Municípios em que se encontram inseridas estas comunidades podem também assumir um papel de parceiro na iniciativa de promoção e organização dos produtos, ou mesmo assumir-se como seus promotores, embora esta seja uma solução menos conveniente, considerando que não é sua vocação a promoção de atividades económicas de mercado (neste caso, no mercado turístico).

Dentro da montagem do produto turístico podem considerar-se diversas componentes que adquirem, cada uma delas, prerrogativas específicas na montagem do produto. Apresentam-se, de seguida, algumas opções alternativas de abordagem:

Alojamento: é possível equacionar alternativas de alojamento, seja recorrendo a estruturas de alojamento turístico de tipologias que se inserem mais nos contextos territoriais e de comunidades (TER, alojamento local) ou propondo, em alternativa, soluções de alojamento viabilizadas por elementos das comunidades piscatórias, utilizando casas disponíveis nestas aldeias (privilegiando o recurso às tipologias de habitação tradicionais – as casas palafitas); além disso, é possível equacionar ainda a hipótese de combinar a experiência de uma ida à pesca com a pernoita de uma noite no rio, numa bateira avieira, tal como ocorria tradicionalmente

Refeições: as refeições podem ficar ao critério dos turistas, que confeccionam as suas próprias refeições ou acedem à restauração local, mas este tipo de experiências deve desejavelmente assegurar sempre que algumas refeições possam ser feitas com membros da comunidade piscatória, incluindo atividades da sua confeção ou apenas momentos de convívio com os protagonistas do PCI.

Atividades: a participação dos turistas nas atividades relacionadas com o PCI e nas vivências locais pode ser mais ou menos mediada. É aconselhável que essa mediação seja reduzida de forma a facilitar uma relação



direta dos turistas com os detentores da manifestação cultural. considera-se, no entanto, que a intensidade da mediação deve corresponder à necessidade ou à solicitação do turista. O ajuste do nível de mediação pretendido deverá ser realizado na fase de reserva e de preparação da atividade, entre o promotor do produto turístico e o turista que decide a sua aquisição, garantindo, deste modo, que as questões de segurança e a confiança na qualidade da experiência estão suficientemente garantidas. Em casos específicos, pode ser necessário assegurar condições específicas de segurança para a participação em atividades (por exemplo na participação em atividades de pesca, na realização de atividades oficinais, etc.). Por último, salientar que o envolvimento e à participação de turistas em ações de restauro e de interpretação das tipologias construtivas tradicionais que caracterizam as aldeias avieiras (cais e casas palafitas), bem como das próprias embarcações tradicionais, inscritas no INPCI, as bateiras avieiras, exige igualmente que estejam asseguradas condições específicas, nomeadamente em termos de *know-how*, assegurando que estas atividades de preservação do património são devidamente orientadas e acompanhadas, garantido as condições de segurança adequadas.

A organização do produto pressupõe **um trabalho aprofundado entre os promotores e os detentores do PCI e alguns elementos das comunidades**, salvaguardando um acolhimento aberto e confiante de parte a parte. Também é importante assegurar junto dos detentores e das comunidades que se dispõem a acolher o turista que a experiência turística que se pretende oferecer no mercado não coloca em causa a autenticidade e a integridade do bem e que reverte também a favor dos próprios protagonistas.

3.4. PROPOSTA DE PROTÓTIPO

Como foi já anteriormente referido, pretende-se desenvolver neste Catálogo PCI uma abordagem à Cultura Avieira que extravase uma abordagem circunscrita às “Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira Avieira no rio Tejo”, manifestação que se encontra inscrita no INPCI, considerando, assim, uma multiplicidade de outros elementos (sociais, territoriais, ambientais) que caracterizam os modos de vida que tradicionalmente estão associados a estas comunidades piscatórias, localizadas junto ao Tejo e ao Sado.

Esta proposta de experiência turística-protótipo assume como pressuposto de partida a ideia de que esta será uma experiência profundamente marcada por uma certa frugalidade, criando, ainda assim, todas as condições necessárias para que o visitante possa ter um contacto aprofundado os ecossistemas que caracterizam este território e com as comunidades humanas que nele habitam.

Privilegia-se, assim, uma lógica mais imersiva de inserção do turista no contexto, potenciada por um contacto direto deste com os diferentes membros da comunidade, que se prolonga por vários dias.

Verificou-se que, neste momento, não existe qualquer tipo de oferta de alojamento turístico disponível nas aldeias avieiras, pelo que se deverão encontrar alternativas no território envolvente, nomeadamente aproveitando a existência de oferta de Alojamento Local e Turismo em Espaço Rural em áreas relativamente próximas (distância máxima 15km) de algumas destas aldeias. Idealmente, deveria ser disponibilizado ao turista uma bicicleta elétrica que permitisse uma deslocação rápida e em modo suave entre o alojamento e as aldeias, beneficiando ainda dos percursos pedestre e cicláveis existentes junto às margens ribeirinhas.

Ao longo da sua estadia na aldeia avieira, cuja a duração é variável, mas nunca inferior a 4 dias, o turista terá oportunidade de participar em diversas atividades quotidianas de trabalho, de convívio e de sociabilidade. Embora o programa mais concreto de atividades deva ser discutido especificamente com cada turista ou grupo de turistas (dimensão reduzida, idealmente não exceder as 4 pessoas), é possível identificar, desde já, algumas atividades passíveis de realização:

- (i) sair ao rio Tejo para acompanhar os protagonistas locais na atividade pesca numa bateria avieira, momento que será antecipado por um conjunto de atividades preparatórias, orientadas por estes mesmos pescadores locais e utilizando as suas próprias bateiras;
- (ii) participar nas atividades de pesca, preparação dos peixes e sua confeção e, por fim, na degustação de pratos gastronómicos típicos destas comunidades de avieiros (pratos variáveis, de acordo com a época do ano e o tipo de espécies disponíveis), recorrendo quer a estabelecimentos de restauração locais (caso do restaurante *O Escaroupim*), quer utilizando as próprias habitações de moradores destas aldeias avieiras;



- (iii) visitar a um estaleiro para, em diálogo com um artesão local, ficar a conhecer em detalhe as várias etapas de trabalho que estão associados à construção e reparação de bateiras avieiras;
- (iv) participar em atividades de natureza simbólica, artística ou festiva que estão associadas ao quotidiano destas aldeias, incluindo com rancho folclórico;
- (v) pernoitar uma noite numa bateira avieira, experiência multissensorial que pode ser enriquecida com a evocação de elementos que descrevam a dureza dos modos de vida que tradicionalmente estavam associadas a estas comunidades piscatórias e cuja presença na literatura neorrealista é notável (vejam-se, por exemplo, o romance *Avieiros*, de Alves Redol, de 1942);
- (vi) realizar percursos nas várias aldeias avieiras, onde será feita, com o auxílio de um mediador especializado, mas também eventualmente através de um contacto com alguns residentes locais, uma interpretação dos elementos mais particulares que caracterizam estas tipologias construtivas tradicionais (com destaque para os cais e as casas palafitas);
- (vii) visita guiada ao Museu “Escaroupim e o Rio”, sediado na aldeia de Escaroupim, no concelho de Salvaterra de Magos.

Pontual e complementarmente, e de acordo com o perfil e os interesses específicos de cada grupo de turistas, propõe-se que possam ser organizadas atividades de valorização de algumas aldeias avieiras mais desagradadas e/ou descaracterizadas, participando estes grupos de visitantes em *workshops* e ações de restauro e valorização de tipologias construtivas tradicionais, como os cais e as casas palafitas. Inserindo-se numa lógica de turismo voluntário, estas sessões de trabalho teriam sempre um caráter supletivo às restantes atividades prevista, ocupando apenas algumas horas, durante o período global da estadia. Além disso, a sua realização exigirá sempre um enquadramento conveniente, nomeadamente do ponto de vista técnico-científico. Esta constitui, contudo, uma hipótese muito interessante de, através da sua participação direta, envolver os próprios turistas no esforço de reabilitação do património associados à aldeias avieira, aumentando a sustentabilidade futura.

Em termos territoriais, a experiência-protótipo deverá realizar-se nas quatro aldeias avieiras que se localizam junto à bacia do rio Tejo: Porto da Balha (Azambuja); Palhota (Cartaxo); Escaroupim (Salvaterra de Magos); e Caneiras (Santarém). De entre estas quadro aldeias avieiras, aquela que atualmente parece reunir as melhores condições para acolher o tipo de proposta de atividade turística anteriormente descritas – nomeadamente, em termos da presença de uma comunidade local com certo dinamismo, bem como de alguns equipamentos de apoio a esta atividade, incluindo restauração e interpretação – é Escaroupim. Tal não significa, contudo, que a proposta não inclua a visita e a interação com outras aldeias ribeirinhas e suas comunidades.

Em termos da operacionalização desta proposta de produto turístico, na sua fase protótipo, considera-se o Município de Salvaterra de Magos, em articulação com a Junta de freguesia de Escaroupim, podem assumir aqui um papel fundamental, apoiando no estabelecimento de contactos com os vários intervenientes locais que, em conjunto, poderão assegurar o acolhimento de turistas (alojamento) e a dinamização do conjunto de atividades acima indicadas.

Admite-se ainda que outros operadores turísticos privados – como a Ollem Turismo Fluvial (sedeada na Azambuja), a Rio A Dentro e a PROMARTUR (ambas sedeadas em Salvaterra de Magos), por exemplo – possam eventualmente participar na comercialização e operacionalização do produto, devendo assegurar-se sempre que o desenho das atividades é realizado em estreita ligação com as comunidades e protagonistas locais.